

**LISBOA. O RIO E A RENOVAÇÃO URBANA
EXPO 98. O SEU PAPEL COMO CATALIZADOR
DO REJUVENESCIMENTO DE LISBOA**
LISBON. THE RIVER AND THE URBAN RENOVATION.
EXPO 98. CATALYST OF LISBON REJUVENATION

Manuel Salgado*

RESUMEN

El presente artículo comienza realizando una evaluación de la historia de Lisboa, ciudad cuyo crecimiento se identifica con momentos de grandes intervenciones urbanísticas planificadas, a las que han seguido períodos más o menos largos de lenta consolidación, crecimiento orgánico y estancamiento, llegando hasta la década de los ochenta donde se analiza la ciudad desde diversos aspectos: demográficos, económicos, infraestructuras y servicios, crecimiento urbano, para explicar el carácter de necesidad urgente de intervención, que se consolidaría con la Expo'98, proyecto con el que se pretende modernizar la ciudad y transformar Lisboa en una urbe del siglo XXI. La última parte del artículo se centra en la valoración del significado y las consecuencias de la Expo'98 en Lisboa, siendo desde un punto de vista cualitativo la contribución al equilibrio socio-urbanístico de la ciudad y desde un punto de vista cuantitativo la restauración del área de intervención y alrededores mejorando su estado infraestructural y de calidad de vida.

ABSTRACT

The present article is started with an analyse of Lisbon history. The increase of this city is identified with periods of great urban planned interventions, followed by longer or shorter periods of slow consolidation, organic development and blocked periods. It is done an analyse of the eighties situation from different aspects: demografic, economic, infrastructure and services, urban development, to explain the urgent necessity of intervention, consolidated with the Expo'98, project that pretends to modernize the city and become Lisbon into a 21st century city. The last part of the article is focused to study the meaning and the consequences of the Expo'98 in Lisbon, being from a point of view qualitative the contribution to the social-urbanistic balance of the city, and from a point of view quantitative the restoration of the project area and surroundings improving the infrastructure system and the quality of life.

As etapas de crescimento da cidade

No crescimento de Lisboa ao longo da sua história é possível identificar “momentos de viragem” correspondentes ao lançamento de grandes intervenções

* Arq. Coordinador del Recinto de la Expo de Lisboa

urbanísticas planeadas, a que se seguem períodos, mais ou menos longos de lenta consolidação, crescimento orgânico e, por vezes, mesmo estagnação.

Essas intervenções urbanísticas corresponderam sempre à necessidade de dar resposta a grandes desafios, fossem eles catástrofes naturais como o grande terramoto de Lisboa de 1755, “saltos” no crescimento económico, necessidades de modernização da sociedade por pressão duma classe em ascensão ou, mesmo, de afirmação do poder político.

A reconstrução da Baixa Pombalina, exemplo notável de urbanismo iluminista do séc. XVIII foi planeada, projectada e executada num curto espaço de tempo, na sequência do tremor de terra que destruiu quase integralmente o centro da cidade de Lisboa.

A expansão da cidade para Poente, em direcção ao planalto hoje chamado das Avenidas Novas, foi planeada em meados do séc. XIX, a partir da abertura de grandes eixos dotados de infraestruturas inovadoras para a época, segundo os princípios da escola de “Ponts et Chaussées” de Paris, na qual estudou o Engenheiro Ressano Garcia, então responsável pela Câmara Municipal de Lisboa.

Já neste século, na década de quarenta, durante o regime Salazarista, dá-se uma nova reforma da cidade de Lisboa.

Suportada por uma política de obras públicas, mão de obra barata, um poder forte e concentrado, reorganizou-se Lisboa, como capital dum vasto império colonial, construindo o aeroporto, ampliando o porto, implantando grandes equipamentos públicos, como o novo campus universitário, e o estádio nacional, rasgando novas vias urbanas, plantando o grande parque de Monsanto e expropriando para o domínio municipal vastíssimas áreas de terreno que ainda hoje constituem as grandes reservas de expansão da cidade. Autor: EW/LN/CB.

A queda do regime fascista em 1974 e a independência das colónias vieram recentrar Portugal e Lisboa na Europa levando a questionar qual o papel da capital dum país periférico no contexto.

Na década de oitenta Lisboa era uma cidade degradada com uma rede de infraestruturas e comunicações inoperante, em processo de desindustrialização e implantação anárquica do sector terciário. A necessidade de modernização correspondeu ao fim da guerra colonial, à estabilização post revolução de 25 de Abril de 1974 e à adesão à Comunidade Europeia. A cidade espartilhava a dinâmica social emergente. **Em finais da década de oitenta estavam criadas as condições para se delinear uma estratégia de desenvolvimento que partisse das especificidades próprias duma cidade antiga capital colonial, virada ao Atlântico para encontrar um lugar no contexto das cidades europeias.**

A exigência da melhoria de qualidade de vida das populações, e de desenvolvimento da base económica tornam imprescindível recuperar o atraso verificado na construção dos grandes sistemas viários de transporte e comunicações, na modernização do sistema de telecomunicações, no saneamento de graves situações poluentes, na localização de novos equipamentos estruturantes e na previsão de áreas para actividades com novas exigências de espaço e ambiente. Paralelamente uma nova consciência exige a recuperação do património histórico, arquitectónico e paisagístico da cidade.

É neste contexto que surge a ideia de lançar um grande projecto catalizador da renovação da cidade, capaz de mobilizar os meios e gerar as sinergias para efectiva modernização de Lisboa.

Um breve zoom sobre Lisboa. a situação no fim da década de oitenta

Para se compreender o projecto EXPO'98 é importante destacar alguns aspectos mais relevantes da situação de Lisboa no final da década de oitenta, início dos anos noventa.

- Do ponto de vista demográfico Lisboa caracterizava-se pela:
 - a) **a estabilidade demográfica da Cidade** nas décadas de 60 e 70, mesmo se nesta última década, essa estabilidade foi devida ao regresso massivo das ex-colónias;
 - b) **o acentuado decréscimo na década de 80** (18%), que atingiu, principalmente do ponto de vista etário, as novas famílias jovens, e do ponto de vista espacial, as freguesias do Centro Histórico e Avenidas Novas. Em 1991 Lisboa cidade tinha 670.000 habitantes.
- Paralelamente, verificou-se um acelerado crescimento da Área Metropolitana de Lisboa no mesmo período 60/70 (mais de 60% de aumento) e quase estabilização na década de 80 (acréscimo 2%) tendo atingido 2,5 milhões de habitantes em 1994.

Esta evolução demográfica de Lisboa caracterizou-se pelo envelhecimento da população da cidade com afastamento das classes médias e jovens para os Concelhos limítrofes da Área Metropolitana.

- Do ponto de vista da sua base económica, em Lisboa verificava-se a **obsolescência da estrutura industrial**, com a decadência e abandono das áreas industriais no arco ribeirinho e um processo de realocização de duplo sentido: do Centro Histórico para a periferia da Cidade –principalmente a zona Oriental (pequena indústria e oficinas)– e da periferia para os concelhos limítrofes (indústria pesada).
- Quanto à implantação do terciário verificava-se uma **exagerada concentração do emprego terciário no centro da cidade** com o conseqente congestionamento da área central, com forte pressão para a mudança de usos e para a substituição da estrutura edificada, originando um número muito elevado de fogos desocupados (em 1991 cerca de cerca de 15 % de total) e a desertificação do centro tradicional.
- Do ponto de vista urbanístico Lisboa caracterizava-se:

Pelo **isolamento e segregação social da metade Oriental da cidade**, separada da zona “rica”, a zona Ocidental por um eixo perpendicular ao rio. Há obstáculos orográficos e físicos que historicamente dificultaram as ligações entre as duas zonas da cidade constituindo como que uma “fronteira” natural reforçada não só pela ausência de eixos viários e meios de

transporte que facilitassem as ligações, mas também por uma política de localização de bairros sociais e indústrias que caracterizaram a zona oriental como uma zona pobre e isolada, pouco atractiva ao investimento.

Por um **sistema de transportes e circulação que estava bloqueado** devido ao atraso na realização dos grandes eixos viários, há muitas décadas projectados, e por insuficiência dos meios de transporte pesados (metro e caminhos de ferro). A estrutura radial de Lisboa contida a Sul Nascente pelo Rio Tejo obriga à abertura de vias circulares que só recentemente começaram a ser construídas.

Pela **ausência de uma rede equilibrada de áreas centrais**, tanto a nível da cidade como da Área Metropolitana, devidamente articulada por bons meios de comunicação, sendo de realçar o divórcio entre as duas margens do Tejo.

Pela **insuficiência e desequilíbrio na distribuição dos equipamentos culturais e de lazer** que se concentravam exclusivamente na zona Ocidental de Lisboa.

Pela **destruição da memória da cidade histórica e consolidada**, através da demolição indiscriminada, resultado da ausência duma política de defesa do património concretizada em acções concretas de planeamento e gestão da cidade.

Pelo **bloqueamento na relação da cidade com o rio**, apenas interrompido em pequenas áreas localizadas. O porto de Lisboa que cresceu ao longo dos séculos como infraestrutura essencial nas relações de Portugal com as suas colónias viu-se esvaziado de funções e ultrapassado pela rápida transformação dos meios de transporte marítimos e contentorização das cargas transportadas. Pela **estrutura verde, territorialmente desequilibrada**, constituída por áreas verdes isoladas, pouco utilizadas por falta de acessos e equipamentos e não articulados entre si.

Pela **desvalorização do espaço público**, nitidamente sacrificado à circulação e estacionamento automóvel. A cultura do desenho e “embelezamento” dos espaços públicos da cidade perdeu-se, sacrificada as exigências técnicas da circulação e do estacionamento, sem cuidar dos aspectos culturais arquitectónicos e ambientais.

Pela **carência e obsolescência das redes de infraestruturas**, com relevo para o sistema primário de esgotos, redes de distribuição de energia eléctrica, gás e para as telecomunicações.

Em resumo, no início da década de noventa, verificava-se ser urgente intervir para:

- Obter um maior equilíbrio interno da cidade e da área metropolitana, na distribuição das principais funções.
- Estancar o decréscimo e envelhecimento populacional de Lisboa cidade, fixando jovens e atraindo novos residentes e revalorizando a função habitacional.
- Potencializar a requalificação das actividades económicas, culturais e científicas, através da sua melhor inserção urbana.

- Recuperar a frente ribeirinha, abrindo a cidade ao rio, requalificando os espaços públicos e reequilibrando as áreas verdes em toda a cidade, com vista a uma maior qualidade urbanística e ambiental.
- Melhorar as infraestruturas de suporte, nomeadamente suprir as carências do sistema de transportes e comunicações, sob pena de se agravarem as rupturas do sistema.

A Expo como catalizador das transformações de Lisboa

É neste contexto que surge o projecto EXPO com um projecto e prazo fixo capaz de mobilizar os meios necessários para acelerar a modernização da cidade.

Em Fevereiro de 1990, o Governo decidiu dar início ao processo de candidatura de Portugal à realização da EXPO, com o objectivo de assinalar a efeméride mais relevante dos descobrimentos portugueses: a chegada de Vasco da Gama à Índia, considerando que: **“A exposição contribuirá decisivamente para transformar Lisboa numa cidade do século XXI, constituindo o ponto de partida para uma mudança global”**.

A EXPO surge, assim, desde o início do projecto como a oportunidade para:

- Dinamizar a renovação urbana de Lisboa.
- Promover o turismo em Portugal e na sua capital.
- Estimular o desenvolvimento económico.

Em termos urbanísticos, a EXPO deveria contribuir para: Modernizar e reabilitar uma parte significativa da cidade; recompor espacialmente a cidade numa perspectiva do reforço da mobilidade e da requalificação das áreas periféricas; acelerar a execução dos grandes sistemas viários e de comunicações, há muito projectados; relançar, em torno de um projecto concreto, a discussão sobre a ligação da cidade ao rio e o ordenamento da frente portuária; proporcionar a construção de um importante conjunto de equipamentos de nível metropolitano, reequilibrando-a urbanisticamente e tornando-a mais competitiva em termos nacionais e internacionais.

A busca do maior efeito catalizador possível orientou as decisões do projecto. Assim, desde logo, colocou-se a discussão das alternativas de localização por forma a que se retirasse o maior efeito da iniciativa. As localizações alternativas consideradas foram as seguintes:

- Na periferia da Área Metropolitana;
- Na zona ocidental de Lisboa (Pedrouços/Belém);
- Na zona Oriental, desde sempre a área mais pobre e isolada da cidade.

As soluções periféricas foram logo excluídas, por se verificarem de difícil exequibilidade.

A opção pela Zona Ocidental de Lisboa parecia à partida a mais óbvia; porém, para além de algumas objecções quanto à área disponível, viria certamente acentuar os desequilíbrios na cidade.

A opção pela zona Oriental foi a escolhida por ser aquela que, por efeito de arrastamento, maiores benefícios trazia à modernização e reequilíbrio da cidade, para

além de ser aquela que apresentava mais disponibilidade de área para implantação e implicar um menor investimento na sua realização. Esta opção, era a defendida pelo município de Lisboa, cujo Plano Estratégico estabelecia que a transformação urbanística da zona industrial/portuária Oriental deveria assentar nos seguintes projectos âncora:

1. Um centro de apoio às empresas virado para a importação/exportação integrando escritórios, áreas comerciais, hotelaria, parques de feiras e de lazer.
2. A criação de uma área de investigação e formação profissional e a instalação de novas empresas industriais e de serviços viradas para as novas tecnologias.
3. A reorganização e modernização da Plataforma Logística de Lisboa como grande interface da região, para passageiros e mercadorias.
4. A criação do Espaço Público Ribeirinho Oriental, integrando área de diversões, equipamentos colectivos e estruturas de apoio à náutica desportiva e de recreio.

Dos projectos âncora atrás referidos, o primeiro, o segundo e o quarto constituem objectivos centrais do projecto de recuperação urbana da Zona de Intervenção da EXPO, sendo a sua realização possível no curto prazo, pela mobilização de meios financeiros necessários à realização da exposição.

O projecto Expo

Escolhida a zona de Lisboa, onde se realizaria a exposição, a estratégia estabelecida consistiu em entregar, a uma empresa de capitais públicos, participada pelo Estado Português e pelos municípios de Lisboa e Loures, o desenvolvimento dum projecto de recuperação urbana, cerca de 350 ha de terreno marginal ao Tejo, até então ocupado pelo Porto, por indústrias obsoletas e áreas degradadas.

Em cerca de 70 ha desta zona de intervenção localiza-se o recinto, onde se realizou a exposição durante o Verão de 1998.

Do ponto de vista qualitativo o Plano de Urbanização da Zona de Intervenção propõe-se contribuir para o equilíbrio sócio-urbanístico da cidade:

- Criando uma nova centralidade para a região e para a cidade, em torno de um grande interface de transportes –a Gare do Oriente– que articula caminho de ferro, metropolitano e transportes rodoviários.
- Relocalizando equipamentos estruturantes de nível metropolitano - o Centro de Exposições de Lisboa e o Pavilhão Multiusos de Lisboa com capacidade para 15.000 espectadores.
- A construção de um conjunto de novos equipamentos dos quais se destacam o Oceanário, um Museu e um Teatro.
- Proporcionando condições à instalação de actividades do terciário especializado e investigação, numa área dotada de grande acessibilidade e modernas infraestruturas de telecomunicações, articulada com o centro de feiras e exposições de Lisboa, tudo isto em situação de grande qualidade ambiental.

- Proporcionando a oferta de alojamento (\approx 7500 fogos), num ambiente urbano que se pretende vocacionar para as camadas jovens e classes médias.
- Reconstruindo uma frente de rio com 5 Km de extensão, que integra o parque urbano do Trancão, o Passeio Ribeirinho e a Doca dos Olivais em torno da qual se projectou uma área de recreio e lazer com um grau elevado de atractividade, centrada no Oceanário, no Museu da Ciência e num Teatro.

Do ponto de vista quantitativo, o plano de urbanização da Zona de Intervenção (350 ha) afecta 24% da área à edificação, 10% a equipamentos e 40% a espaços verdes. A restante área é destinada à construção de vias e à reserva de espaços canais para grandes infraestruturas.

Por sua vez, da superfície edificável que corresponde a 2.460.000 m², 45% destina-se a habitação, 45% são afectos a actividades económicas e 10% a equipamentos, dos quais 7% de escala metropolitana e 3% de âmbito local.

O que implicou o projecto Expo

Para tornar viável a Exposição, foi necessário acelerar a construção de todo o sistema viário e de transportes de escala regional e local, de forma a garantir a acessibilidade dos milhões de visitantes esperados na exposição.

Foi necessário completar ou antecipar a construção das auto-estradas regionais, da nova ponte sobre o Tejo, do caminho de ferro ligando as duas margens do rio, a extensão da rede do metropolitano de Lisboa, o completamento da rede viária principal da cidade, rompendo as barreiras que historicamente dividiam a cidade em duas.

A libertação do terreno para a implementação do projecto obrigou ao desmantelamento da refinaria de Lisboa, à realocização do terminal petrolífero do Tejo, à demolição do matadouro de Lisboa, à transferência dum grande depósito de material de guerra e ao encerramento da lixeira, com construção duma nova incineradora a Norte de Lisboa.

Foi necessário levar a efeito um profundo trabalho de descontaminação dos solos e de despoluição do rio Trancão, afluente do Tejo, que desagua junto à Área de Intervenção.

A reabilitação desta área, cujo enquadramento natural é notável, permitiu retirar do interior da cidade actividades poluidoras e perigosas, ganhando uma área que veio enriquecer muito Lisboa em termos ambientais.

A engenharia financeira do projecto EXPO tinha como objectivo cobrir os custos da exposição com os proveitos resultantes da promoção imobiliária dos 350 ha postos à disposição da empresa pública (Parque EXPO'98, S.A.). Todas as infraestruturas e espaços públicos construídos para a Exposição foram projectados e construídos tendo em conta o seu uso depois de 1998, o mesmo sucedendo a cerca de 60% dos pavilhões e outros edifícios construídos no recinto da exposição. As restantes estruturas efémeras foram projectadas na previsão da sua transferência para outros locais uma vez terminada a Exposição.

O Recinto da Exposição, com cerca de 70 ha, constitui o futuro centro deste novo bairro de Lisboa e já hoje uma das áreas centrais mais importantes da região.

Um significado muito particular foi dado ao espaço público que foi projectado e construído como o grande sistema integrador e estruturante que se pretende venha a manter a coerência do conjunto urbano, ao longo dos anos que ainda vai demorar a consolidação desta zona da cidade.

A dialéctica entre o efémero e o definitivo, a analogia entre o local de festa e de mistério no qual circula uma enorme quantidade de informação e o centro onde se estratifica a história da cidade, estão na base da ideia de projectar o Recinto da Exposição como se se tratasse dum “Centro Histórico”, metáfora que resume com eficácia as principais características do espaço público.

Todas as Exposições mundiais procuram ser diferentes das anteriores tal como as cidades procuram acentuar o carácter que as individualiza.

A EXPO’98 não foge à regra e Lisboa tem uma história ligada aos oceanos e ao cruzamento de culturas, expressas na forma como se implantou no sítio e foi construída, que constituem a sua característica mais marcante e o seu maior património.

São estas características que se pretende transpôr para o projecto EXPO’98, em especial na arquitectura do espaço público.

No nosso conceito, o espaço público é entendido como um “tecido conectivo” contínuo, que liga as “arquitecturas” entre elas, com articulações e variações, que pontualmente gera tensões e, em geral, assegura continuidades, superando a rigidez da ideia de rua, praça, quarteirão e jardim público.

A diversidade de linguagens arquitectónicas é articulada através de um discurso que se procura coerente, conseguido pela adopção de regras de implantação e composição volumétrica que estabelecem um diálogo entendível entre as partes.

As poucas pré-existências –torre da antiga refinaria, doca e muralha de pedra na margem do rio– funcionam como reminiscências da história do local. A imagem corporativa da Exposição é um contributo para a coerência formal e o carácter da futura área central.

O projecto do solo, com a sua complexidade, não só estabelece as relações entre o espaço público, semi-público e privado, como adequa as características dos “materiais” que o compõem aos diferentes usos e funções, tornando-se o instrumento essencial para a articulação entre a cidade visível e a cidade invisível, o mundo subterrâneo de todas as redes e instalações técnicas e o mundo aparente da parafernália de objectos que povoam o espaço público.

No projecto EXPO o espaço público foi entendido de forma abrangente, contribuindo para a sua composição as grandes massas arquitectónicas dos pavilhões, os materiais perenes como os revestimentos do chão, os maciços de árvores e as superfícies plantadas, as estruturas de ensombramento, a iluminação e o som ambiente, os elementos excepcionais de “embelezamento” como os jogos de água e a arte urbana, e as peças utilitárias como o mobiliário urbano, a sinalética e os suportes de publicidade, mas também as estruturas efémeras dos pavilhões modulares e o próprio material de decoração em tratamento de fachadas, bandeiras e outros sinais que vão enriquecer a imagem urbana e criar o ambiente para a grande festa que se pretende venha a ser a EXPO.



COMO ERA



TERRENO LIMPO



FOTOGRAFIA AÉREA DA SITUAÇÃO ACTUAL



PASSEIO RIBEIRINHO



CARTA REGIÇÃO COM INFRAS